

O VENTO NO CANAVIAL¹

Não se vê no canavial
nenhuma planta com nome,
nenhuma planta maria,
planta com nome de homem.

É anônimo o canavial,
sem feições, como a campina;
é como um mar sem navios,
papel em branco de escrita.

É como um grande lençol
sem dobras e sem bainha;
penugem de moça ao sol,
roupa lavada estendida.

Contudo há no canavial
oculta fisionomia:
como em pulso de relógio
há possível melodia,

ou como de um avião
a paisagem se organiza,
ou há finos desenhos nas
pedras da praça vazia.

Se venta no canavial
estendido sob o sol
seu tecido inanimado
faz-se sensível lençol,

se muda em bandeira viva,
de cor verde sobre verde,
com estrelas verdes que
no verde nascem, se perdem.

O AUTOR

João Cabral de Melo Neto
(1920 – Recife) Embaixador,
poeta, autor entre outros de:
Pedra do sono (1942); Os três
mal-amados (1943); O en-
genheiro (1945); O cão sem
plumas (1950); Morte e vida
severina (1956); Paisagens
com figuras (1956); Dois par-
lamentos (1960); Quaderna
(1960); A educação pela pe-
dra (1966); Museu de tudo
(1975); A escola das facas
(1980); Auto do frade (1984);
Agrestes (1985); Primeiros
poemas (1990); Sevilha an-
dando (1990).

1. *O vento no canavial* é um poema do livro: **Paisagens com figuras** (1956). cf. MELO NETO, João Cabral. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.150/151.

Não lembra o canavial
então, as praças vazias:
não tem, como têm as pedras,
disciplina de milícias.

É solta sua simetria:
como a das ondas na areia
ou as ondas da multidão
lutando na praça cheia.

Então, é da praça cheia
que o canavial é a imagem:
vêm-se as mesmas correntes
que se fazem e desfazem,

voragens que se desatam,
redemoinhos iguais,
estrelas iguais àquelas
que o povo na praça faz.